

## Processos de variação e mudança induzidos pelo contato entre línguas

Dante Lucchesi  
UFBa/CNPq/CAPES-MEC<sup>1</sup>

### Introdução

As situações de contato abrupto e maciço entre línguas são de particular interesse para os lingüistas porque oferecem valiosas evidências empíricas para o tratamento teórico de questões cruciais acerca da linguagem humana; desde os dispositivos inatos da faculdade da linguagem, conforme destacado por Bickerton (1981), até a própria questão da origem das línguas humanas, pois, como afirmaram Muysken e Smith (1994: 3), o que diferencia as línguas crioulas das demais línguas é fato de se poder definir com satisfatória precisão o ponto no tempo em que elas surgiram. Nesse sentido, as teorias acerca dos processos de variação e mudança lingüísticas podem-se beneficiar muito da observação dos processos lingüísticos derivados do contato entre línguas; não apenas daqueles processos radicais que levam ao surgimento de uma nova entidade lingüística qualitativamente distinta de todas as línguas envolvidas na situação de contato de onde ela emergiu – denominada língua *pidgin* ou *crioula* –, mas também de processos menos radicais, em que o contato de uma língua hegemônica com outras línguas ditas de substrato conduz, não ao surgimento de uma língua *pidgin* ou *crioula* típica, mas ao surgimento de uma nova variedade dessa língua hegemônica que exhibe processos de variação e mudança cuja gênese se encontra na aquisição precária da língua hegemônica pelos falantes adultos das línguas de substrato e na nativização desse modelo defectivo de segunda língua entre os seus descendentes, no processo denominado de *transmissão lingüística irregular* (Baxter & Lucchesi, 1997; e Lucchesi, 1998 e 2003)

Esta exposição tem por objetivo tipificar os processos de variação e mudança que derivam das situações de contato maciço e abrupto entre línguas, com base nesse conceito de transmissão lingüística irregular.

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto de Língua Portuguesa da Universidade Federal da Bahia (UFBa), com bolsa de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), participou do XX Encontro da Associação Portuguesa de Lingüística com o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior do Ministério da Educação (CAPES-MEC).

## 1. A reestruturação gramatical em situações de contato

A formação de variedades lingüísticas em situações de contato pode ser desdobrada em dois processos essenciais. De um lado, está a erosão gramatical da língua que é tomada como alvo – historicamente, a língua do grupo dominante. Do outro lado, está a recomposição gramatical da variedade lingüística que se forma na situação de contato.

Nos casos mais radicais de crioulização, a erosão gramatical da língua alvo é drástica, podendo-se pensar que todos os seus dispositivos gramaticais são virtualmente eliminados, pois apenas um vocabulário exíguo sustenta a interação verbal dos indivíduos; constituindo-se assim um código de comunicação emergencial – denominado na literatura do campo como *jargão* –, que nada mais é do que um reduzido elenco de itens lexicais da língua alvo, profundamente alterados em sua forma fonética e manipulados segundo as regras das gramáticas das línguas maternas dos falantes dos grupos subjugados. Essa redução da estrutura gramatical da língua alvo é determinada pela conjugação de três fatores, apresentados no Quadro 1:

### Quadro 1: fatores que determinam a erosão gramatical da língua alvo em situações de contato lingüístico

- (i) o difícil acesso dos falantes das outras línguas aos modelos da língua alvo, sobretudo nas situações em que os falantes dessa língua alvo são numericamente muito inferiores aos falantes das outras línguas;
- (ii) o fato de os falantes dessas outras línguas serem, em sua grande maioria, adultos, não havendo, pois, o acesso aos dispositivos da faculdade da linguagem que atuam naturalmente no processo de aquisição da língua materna;
- (iii) a ausência de uma ação normatizadora, ou seja, de uma norma ideal que oriente e restrinja o processo de aquisição da língua alvo, já que esse processo tem como objetivo apenas garantir a comunicação emergencial.

Na medida em que essa situação de contato se estabiliza e se prolonga na linha do tempo, o uso desse código emergencial de comunicação se mantém, ampliando-se as suas funções sociais e convertendo-se esse código em modelo para aquisição da linguagem dos indivíduos que nascem na situação de contato. A ampliação das funções sociais do código de comunicação emergencial e a sua nativização determinam os dois vetores de formação da gramática da nova variedade lingüística. Configura-se, assim, de um lado, o vetor da socialização, que incrementa gramaticalmente o código de emergência, e cujos protagonistas são os falantes adultos das outras línguas, que só dispõem dos dispositivos gramaticais de suas línguas maternas; o que determinaria a transferência dessas estruturas para o código de comunicação emergencial, na negociação social que se estabelece na comunidade de fala que se formou na situação de contato. É assim que a teoria do substrato explica, em sua essência, o processo de pidginização/crioulização (cf., e.g., Mufwene, 1993).

O outro vetor seria o da nativização do código de emergência, cujos protagonistas são as crianças que nascem na situação de contato. Nesse caso, a gramática da variedade lingüística que emerge na situação de contato resulta da gramaticalização de itens lexicais do código de comunicação emergencial, orientada pelos dispositivos da gramática universal que atuam naturalmente na aquisição da língua materna. Assim, a crioulização seria, em sua essência, a manifestação mais direta dos universais da linguagem humana, como pretende Derek Bickerton (e.g., 1984 e 1999).

Qualquer que seja o vetor considerado, o que está no cerne da formação de variedades lingüísticas em situações de contato, sejam elas crioulas ou não, são características desse processo conjugado de erosão e reestruturação gramatical, que podem ser sistematizados em três níveis (Lucchesi, 2003), apresentados no Quadro 2:

**Quadro 2: níveis de reestruturação gramatical da nova variedade lingüística em situações de contato prolongado entre línguas**

- (i) perda, ou variação no uso, de morfologia flexional e palavras gramaticais;
- (ii) gramaticalização de itens lexicais para preencher as lacunas na estrutura lingüística (Bickerton, 1999);
- (iii) alteração dos valores dos parâmetros sintáticos em função de valores não marcados, que não implicam, entre outras coisas, em movimentos aparentes na estruturação da sentença (Roberts, 1997).

Nesses três níveis em que se podem situar os processos de variação e mudança induzidos pelo contato entre línguas, há que se levar em conta a variação nos parâmetros sócio-demográficos e etnolingüísticos de cada situação de contato em particular, pois esses parâmetros determinam, tanto o nível de erosão gramatical da língua alvo, quanto as possibilidades de transferência de estruturas do substrato, bem como os níveis de nativização do código de comunicação emergencial e uma eventual concorrência dos modelos gramaticais da língua alvo, tanto no processo de formação da nova variedade lingüística, quanto depois de essa nova variedade lingüística já ter se consolidado, até como uma língua crioula, no chamado *continuum post-crioulo* (Rickford, 1987) Analisar como os processos de variação e mudança se atualizam nos três níveis propostos acima permite à teoria lingüística, por um lado, identificar o tipo – ou a intensidade – dos processos de variação e mudança relacionados às situações de contato entre línguas. Por outro lado, fornece-lhe preciosas evidências empíricas de como os processos históricos e sociais afetam as estruturas nucleares da gramática das línguas humanas.

**2. Os processos de reestruturação gramatical de acordo com a intensidade das situações de contato entre línguas**

Dos três níveis apresentados no Quadro 2, o nível (i), a redução da morfologia flexional, é o mais geral, ocorrendo, tanto nas situações de contato mais radical cujo

resultado é a formação de uma entidade lingüística inteiramente nova e qualitativamente distinta de todas as línguas envolvidas na sua formação – ou seja, uma língua pidgin estabilizada ou uma língua crioula típica –, quanto aquelas situações em que o contato lingüístico leva ao surgimento de uma nova variedade da língua alvo, sem que essa nova variedade apresente uma estrutura gramatical qualitativamente distinta da língua que serviu de base para a constituição do seu léxico.

A diferença entre esses casos de transmissão lingüística irregular mais leves e os casos típicos de crioulação e pidginização estaria, em parte, situada no grau de intensidade desses processos de mudança. Nos processos típicos de crioulação, ocorreria uma perda muito radical da morfologia flexional tanto do nome como do verbo, e das regras de concordância a elas associadas. Esse é o caso, por exemplo, dos crioulos de base portuguesa da África. Nos crioulos portugueses de Cabo Verde, da Guiné-Bissau e de São Tomé e Príncipe, os morfemas flexionais nominais e verbais do português foram praticamente eliminados. Nesses casos, os processos de gramaticalização que ocorrem nas fases de reestruturação da nova variedade lingüística emergente seriam bastante profundos. Em tais processos de gramaticalização, determinados itens lexicais, como advérbios e algumas formas verbais, se converteram em marcadores das categorias gramaticais do verbo. Forma-se, assim, todo um sistema independente de partículas de tempo, modo e aspecto.

Por outro lado, a perda da morfologia de pessoa e número conduziria a uma mudança no valor do parâmetro do sujeito nulo, de modo que, no processo de formação dos crioulos de base portuguesa, o valor marcado do parâmetro do sujeito nulo referencial do português seria alterado em função do valor não marcado, fazendo com que o sujeito referencial seja sempre realizado nessas línguas.

Já, nos processos de transmissão lingüística irregular mais leves, como os ocorridos na história das variedades populares do português do Brasil, esses processos seriam menos radicais, ocorrendo mais a variação nos padrões de uso desses elementos gramaticais, do que mudanças categóricas na estrutura da língua. Nesse sentido, o amplo quadro de variação que se observa no português do Brasil em relação ao uso das regras de concordância nominal e verbal – cf. exemplificado em (1) – seria a contraparte mais tênue do que se observa nas situações de crioulação típicas.

- (1) a. Os meninos já chegaram. (português padrão)  
 b. Os menino já chegou. (português popular do Brasil)

Vale destacar aqui que o nível de variação no uso dos morfemas flexionais do nome e do verbo nas variedades populares do português brasileiro é bem mais intenso do que o que se observa em suas variedades ditas cultas, o que reforça a sua relação histórica com o contato lingüístico, porquanto são esses segmentos populares formados em sua grande maioria por afro-descendentes e índios-descendentes. Por outro lado, na medida em que se pode assumir que, no caso brasileiro, as eventuais lacunas surgidas na situação inicial de aquisição precária do português por parte de escravos africanos e índios aculturados foram sendo preenchidas com base nos modelos da língua alvo, em

conseqüência de um maior acesso dos seus descendentes – sobretudo os mestiços – aos modelos da gramática portuguesa, não houve espaço para os processos originais de gramaticalização que caracterizam as línguas crioulas<sup>2</sup>.

Já em relação às mudanças paramétricas induzidas pelo contato entre línguas, observa-se um quadro análogo. Enquanto nas línguas crioulas, como o caboverdiano e o santomense, o pronome sujeito referencial é obrigatório, no português do Brasil o que ocorreu foi apenas um incremento na realização do sujeito pronominal (Duarte, 1993 e 1995), sem que o sujeito nulo se tornasse agramatical, como nas línguas crioulas africanas – conforme exemplos (2), (3) e (4):

(2) Português do Brasil

*O que vocês fizeram ontem?*

*Nós fomos à praia.*

*Fomos à praia.*

(3) Cabo Verde – dialeto de Santiago:

*Kuzê ki nhôs fazi onti?*

*Nu bai mar.*

*\*Bai mar.*

(4) Forro – Ilha de São Tomé

*Ke kwa ku nansê fé ontê?*

*Non ba plé.*

*\*Ba plé.*

Portanto, a grande diferença entre os crioulos típicos e as variedades lingüísticas populares formadas em situações de contato entre línguas seria a de que, na gramática dos crioulos, observam-se mudanças paramétricas e a criação de estruturas originais – tais como: marcadores de número e gênero, partículas de tempo, modo e aspecto, verbos seriais, etc –, resultantes do processo de gramaticalização e/ou das transferências das línguas de substrato, enquanto que a estrutura gramatical das variedades formadas em processos de transmissão lingüística irregular mais leves, como no caso do português popular do Brasil, o que se observa é um profundo quadro de variação, sem que se tenha introduzido dispositivos originais em relação à gramática da língua alvo, e sem que potenciais mudanças na marcação dos valores de seus parâmetros sintáticos se completem, mantendo-se em um estado de latência. Desse modo, as eventuais lacunas estruturais dessas variedades lingüísticas vão sendo progressivamente preenchidas pelos dispositivos da língua alvo, do que resulta um quadro de variação binária entre a presença e ausência de certos mecanismos gramaticais.

<sup>2</sup> Vale ressaltar aqui que a mestiçagem constitui uma das componentes mais importantes na formação da pluri-étnica sociedade brasileira. Para além de sua importância quantitativa (estima-se que já na segunda metade do século XIX, mais de 40% da população brasileira era constituída por mestiços), deve-se atentar para a grande possibilidade assimilação dos mestiços na estrutura social brasileira. Situação semelhante se observa também em relação aos escravos crioulos – nascidos no Brasil – que normalmente se integravam mais ao contexto sócio-cultural brasileiro do que os seus antepassados africanos (Mattoso, 2004), em função inclusive de sua maior proficiência em português.

### 3. Os processos de gramaticalização nas situações de contato entre línguas

Do que foi dito até aqui, pode-se concluir que os processos de gramaticalização ocupam um papel crucial na formação de novas entidades lingüísticas nas situações de contato maciço e abrupto entre línguas. Através da gramaticalização de itens lexicais disponíveis no código emergencial de interação verbal formado na situação inicial de contato, desenvolve-se uma nova estrutura gramatical que virá preencher as funções que se definem na formação de uma nova comunidade lingüística. Portanto, a originalidade da nova entidade lingüística não pode estar dissociada do contexto sócio-histórico em que ela se constituiu. E os processos de gramaticalização que a determinam nada mais são do que o resultado das novas demandas expressivas que se criam nesse novo contexto sócio-cultural, e o seu desenvolvimento é o resultado das negociações que se estabelecem nas redes de relações que compõem a estrutura social emergente.

O processo de gramaticalização está presente no aparato conceptual das mais diversas correntes teóricas da lingüística contemporânea (Castilho, 1997), e foi reconhecido, no âmbito da gramática gerativa, por Roberts (1993) que definiu a gramaticalização como a “a mudança de uma categoria léxica para uma funcional, associada à perda do conteúdo lexical”. O conceito de gramaticalização será tomado aqui num sentido semelhante a esse. Desse modo, através da gramaticalização, um item lexical deixa de ter um significado referencial – ou seja, deixa de indicar um elemento do universo exterior à língua – para adquirir um significado gramatical – ou seja, passa a representar um valor ou uma relação definidos no âmbito da estrutura lingüística. Por outro lado, para além da diminuição da carga semântica, a gramaticalização implica também a perda de matéria fônica e de mobilidade na ordem linear da sentença<sup>3</sup>.

Assim concebido, não é difícil imaginar a importância do processo de gramaticalização nos processos de transmissão lingüística irregular, em geral, e nos processos de pidginização/crioulização, em particular. A perda de matéria gramatical que se dá no momento do estabelecimento da situação de comunicação emergencial cria as condições potencialmente favoráveis à gramaticalização. Contudo, o processo só se implementa efetivamente quando da socialização e da nativização do código de emergência entre os segmentos dominados, em função das novas necessidades expressivas e comunicativas, que criam demandas por itens e estruturas que possam ser incorporados ao sistema lingüístico emergente, para desempenhar papéis funcionais e expressar relações categoriais imanentes à estrutura da língua. Essas demandas vão ao encontro da situação inicial de fixação do código de emergência, na qual os falantes tendem a reter os itens lexicais, de significado referencial, e a descartar os itens funcionais, de significado

<sup>3</sup> Cf. ainda Castilho (1997: 31-2): “Entendo por gramaticalização o trajeto empreendido por um item lexical, ao longo do qual ele muda de categoria sintática (= recategorização), recebe propriedades funcionais na sentença, sofre alterações morfológicas, fonológicas e semânticas, deixa de ser uma forma livre, estágio em que pode até mesmo desaparecer, como conseqüência de uma cristalização extrema. Esse trajeto se dá tanto no tempo real quanto no tempo aparente. Num sentido mais amplo, a gramaticalização é a codificação de categorias cognitivas em formas lingüísticas, aí incluídas a percepção do mundo pelas diferentes culturas, o processamento da informação, etc.”

gramatical. Logo, a recomposição gramatical do sistema lingüístico emergente se dá por duas vias, apresentadas no Quadro 3, abaixo:

**Quadro 3: vetores do processo de gramaticalização em situações de transmissão lingüística irregular**

- (i) ampliação (ou maximização) das funções dos (poucos) itens gramaticais que se conservaram no uso lingüístico da comunidade;
- (ii) a utilização de itens lexicais para expressar relações gramaticais, ponto de partida do processo de gramaticalização.

São processos desse tipo que se encontram na base da formação dos sistemas analíticos de tempo, modo e aspecto (TMA) – uma das mais proeminentes características das línguas crioulas do Atlântico (cf. Bickerton, 1988; e Holm, 1988). Grande parte das partículas de TMA que se fixam imediatamente antes do verbo como afixos gramaticais são derivadas de formas lexicais plenas. A partícula *te*, que no crioulo haitiano indica anterioridade, é derivada da forma *été* (ou *était*), do verbo francês *être* ‘ser’. Já o aspecto durativo (ou progressivo) é indicado no crioulo caboverdiano pela partícula *ta*, derivada da forma *está* do verbo português *estar*. Este aspecto era indicado no *Negerhollands Creole Dutch* (já extinto) através da partícula *lo*, derivada do verbo holandês *lopen* ‘correr, andar, ir’ (Holm, 1988: 156). Portanto, temos em todos os casos, formas verbais plenas que perdem substância fônica e carga semântica, convertendo-se em afixos gramaticais.

Outra característica proeminente das línguas crioulas, os *verbos seriais*, nada mais são do que fenômenos sintáticos constituídos fundamentalmente pela gramaticalização de um verbo (um item lexical, portanto) que passa a funcionar como uma preposição ou complementizador (ou seja, como uma palavra gramatical/funcional). Assim, no exemplo (5), abaixo, extraído do sranan, um crioulo falado no Suriname, o verbo inglês *give* ‘dar’, na forma reduzida *gi*, funciona como a preposição *para* (Holm, 1988: 184). Em krio, um crioulo de base lexical inglesa, falado na Serra Leoa, na África, o verbo inglês *say* (*se*) ‘dizer’ funciona como complementizador junto a verbos do tipo *pensar*, *saber* etc. – cf. exemplo (6). Já em sranan, o verbo usado é *talk* (*tak*) ‘falar’, cf. exemplo (7)<sup>4</sup>:

- (5) Kofi tjari den fisi gi mi  
Kofi trouxe o peixe *para* mim.
- (6) a no se yu bizi.  
Eu sei *que* você é ocupado.
- (7) m sab tak a tru.  
Eu sei *que* é verdade.

<sup>4</sup> Exemplos extraídos de Holm (1988: 185)

Há também os casos em que uma palavra gramatical assume uma função ainda mais abstrata na estrutura da língua. Tal é o caso dos demonstrativos *kel* (derivado do português *aquela*) e *se* (derivado do português *esse*) que podem eventualmente funcionar como artigo definido, no crioulo caboverdiano e no são-tomense, respectivamente, para indicar um determinado nível de referencialidade e definitude no SN; uso este que é variável e regido por fatores discursivos (cf. Lucchesi, 1993). Nesse caso, no processo de gramaticalização, ocorre apenas a perda de carga semântica e de substância fônica, não havendo alteração quanto à mobilidade na sentença, já que os demonstrativos e os artigos apresentam a mesma distribuição.

Porém, há casos mais radicais de gramaticalização, em que uma forma gramatical livre, no caso, uma preposição (*junto*), se converte em uma forma presa, o sufixo *-ntu*, marcador de caso no crioulo português do Sri Lanka. O mesmo acontece com o possessivo *sua*, que se transforma em um morfema de genitivo em estruturas mais basiletais como *mesa-su pano* 'pano de mesa', que se apresentam em variação com estruturas mais acroletais como *pano de mesa* (Smith, 1977: 366-8; *apud* Romaine, 1988: 40). Nesses casos de gramaticalização, a influência do substrato tamil é inquestionável, como se pode ver nos exemplos (8) a (10) abaixo (retirados de Smith, 1978: 73). *apud* Romaine, 1988: 40), com a forma reduzida *pâ* da preposição *para*, que funciona como morfema de dativo, numa estrutura oracional muito mais próxima da encontrada na língua tamil, do substrato, do que a que se observa em português, a língua de superstrato<sup>5</sup>:

- (8) port.: eu tinha dado o dinheiro para o João  
 (9) tamil: nan calli-yay jon-ukku kutu-tt iru-nt-an  
 Eu dinheiro-ac. João-dat. pass.-dar-pass. aux.-foi-1ª pess.  
 (10) crioulo: eu dinheiro jon-pâ já-dá tinha

Outro caso de gramaticalização normalmente relacionado à influência do substrato (neste caso, africano) é o uso da forma pronominal da terceira pessoa do plural como marcador de plural do SN, em muitos crioulos do Atlântico, como a forma *dem* (do inglês *them*) usada para indicar o plural dos nomes no crioulo inglês da Jamaica: *de pikini dem* 'as crianças' (Koefoed, 1979: 39; *apud* Romaine, 1988: 104), e no sranan: *den man* 'os homens'. Holm (1988: 193) argumenta que esse pluralizador também funciona como marcador de definitude, como ocorre no iorubá, e "é tão freqüente nas línguas do grupo kwa e outras línguas do oeste africano e tão pouco usual nas línguas do mundo, que nenhum argumento sério foi proposto no sentido de atribuir essa estrutura crioula à influência de universais lingüísticos, em detrimento da influência do substrato".

Admitindo-se a influência do substrato também nesses casos, é interessante notar que a gramaticalização, nos processos de crioulistização, pode combinar uma estrutura proveniente da(s) língua(s) do substrato com um item lexical da língua do superstrato – indo ao encontro de uma visão que já foi muito forte na crioulistica de que uma língua

<sup>5</sup> Os fatos históricos também sustentam essa influência do substrato, na medida em que a influência direta do português se extinguiu em 1658, muito cedo no processo de desenvolvimento do Crioulo (Romaine, 1988: 40)



crioula “é uma língua com o léxico da língua dominante e com a gramática da língua dos dominados”. No primeiro caso, preposições e pronomes do português se encaixam na morfologia nominal de caso das línguas dravidianas; no segundo caso, um pronome do inglês se ajusta à estrutura de marcação de número no SN das línguas do oeste africano.

Pode-se pensar, então, em dois níveis de estruturação da nova variedade lingüística que emerge no processo de transmissão lingüística irregular. Num plano mais profundo, estaria a constituição das estruturas de base da gramática, em que concorrem os dispositivos da faculdade da linguagem (ou do *Bioprograma* de Bickerton, 1981 e 1984) com as estruturas das línguas de substrato e do superstrato que, consoante o contexto sócio-histórico, vão fornecer o *input* para o processo de nativização. Por outro lado, também na constituição dessas estruturas, ocorrerá a seleção dos itens lexicais que vão desempenhar suas funções e expressar os seus valores.

Nesse sentido, desde sua perspectiva inatista, Bickerton (1988 e 1999) apresenta uma interessante análise, baseada na posição desenvolvida por Borer (1983) de que a fixação dos parâmetros sintáticos de uma língua (mesmo os mais básicos como a ordem de palavras na sentença) acontece no nível do léxico. Ou seja, as propriedades sintáticas da estruturação gramatical da língua se atualizam nas propriedades especificadas nas entradas dos itens lexicais.

Assim, no processo de aquisição da língua materna pelas crianças, nas situações de transmissão lingüística regular de uma geração a outra, “as propriedades dos itens lexicais que elas adquirem combinam com a sintaxe invariante, do que eventualmente resulta a aquisição de uma gramática preexistente”<sup>6</sup>. Bickerton (1999: 57), então, estabelece uma distinção entre o que acontece nesses casos, e nos casos de transmissão lingüística irregular (particularmente nos casos de criouliização):

No caso normal, a criança de quatro ou cinco anos já terá adquirido uma ampla gama de itens gramaticais, suficiente para atender aos requerimentos (em termos de regência, anáfora etc.) definidos pela sintaxe inata. No caso crioulo, para a maioria desses requerimentos, a criança simplesmente não pode encontrar no pidgin os itens gramaticais apropriados. Portanto, os itens gramaticais terão de ser criados pelo recrutamento de itens lexicais, com o enfraquecimento do significado lexical destes últimos.<sup>7</sup>

Quanto a mim, penso que tal criação/seleção se dá a partir do leque de soluções individuais que se encontram na fala da comunidade. Portanto, pode-se pensar que o ponto de partida desse processo de gramaticalização, como de resto todo processo de mudança lingüística, tem sua origem na fala; logo, se no momento final do processo de gramaticalização, temos a forma de um único item lexical (que sofreu as alterações

<sup>6</sup> Denomina-se aqui *transmissão lingüística geracional regular* àquelas situações em que o modelo que orienta a aquisição da língua materna por parte dos indivíduos de uma geração é constituído pela língua materna dos indivíduos da geração anterior. Em oposição a este conceito estaria o conceito *transmissão lingüística geracional irregular*, em que o modelo de aquisição da língua materna dos indivíduos de uma geração é constituído por uma variedade mais ou menos defectiva de segunda língua falada por seus pais.

<sup>7</sup> Tradução minha do inglês.

semânticas, fônicas e sintáticas inerentes ao processo de gramaticalização) que passa a desempenhar na língua uma determinada função gramatical, encontramos, no momento inicial, no plano da fala dos indivíduos, o emprego de vários itens lexicais para desempenhar essa função. A partir daí se desencadeia na estrutura sociolingüística da comunidade um processo de concorrência e negociação de que resultará a fixação de um único item e o desaparecimento do uso dos outros para desempenhar essa função. Nesse processo, vão ocorrendo nas formas concorrentes as mudanças de ordem semântica, fônica e sintática, resultantes de uma pressão exercida pela estrutura lingüística, que vão possibilitar a fixação de um item em detrimento dos demais. Em outras palavras, o item mais suscetível a essas mudanças, ou seja, que melhor se ajusta à demanda da estruturação lingüística é aquele que prevalecerá sobre os demais<sup>8</sup>.

Obviamente que a gramaticalização, assim como todas as mudanças lingüísticas que integram o processo de crioulização, ocorrem também na evolução histórica de uma língua dita natural independentemente do contato com outras línguas. Assim, por exemplo, processo de gramaticalização que faz com que um demonstrativo passe a desempenhar as funções de um artigo, que ocorreu na crioulização do português em África (como referido acima), também ocorreu na passagem do latim ao português, cujo artigo definido é derivado da forma do acusativo de um demonstrativo latino. Da mesma forma, a gramaticalização de verbos que passam a funcionar como preposições constituindo as estruturas denominadas de verbos seriais nas línguas crioulas também é documentada na história do chinês mandarim (cf. Li, 1975)

A diferença residiria, então, na quantidade e na intensidade das mudanças ocorridas num lapso tão curto de tempo no processo de transmissão lingüística irregular *vis-à-vis* o ritmo dessas mudanças no desenvolvimento, digamos, "normal" da língua. Em primeiro lugar, as inovações que surgem quotidianamente na interação verbal dos falantes de uma língua fora da situação de contato têm que vencer a força das formas e estruturas fixadas na tradição do uso lingüístico para que uma mudança possa ocorrer<sup>9</sup>.

Por outro lado, um processo de gramaticalização tem que ser precedido por uma mudança que eliminou um dispositivo gramatical da sintaxe aparente da língua, criando uma zona de opacidade, sobre a qual ocorrerá uma pressão decorrente de certas demandas expressivas e comunicativas, dando-se início ao processo de gramaticalização. Na evolução, digamos, "normal" de uma língua, mudanças desse tipo são muito

<sup>8</sup> Note-se que essa visão se encaixa perfeitamente no modelo de mudança lingüística delineado por Saussure (1973: 115 [1955: 138-9]), no início do século XX: "tudo quanto seja diacrônico na língua não é senão pela fala. É na fala que se acha o germe de todas as mudanças: cada uma delas é lançada a princípio por um certo número de indivíduos, antes de entrar no uso. (...) Mas todas as inovações da fala não têm o mesmo êxito e, enquanto permanecem individuais, não há porque levá-las em conta, pois o que estudamos é a língua; ela só entra em nosso campo de observação no momento em que a coletividade as acolhe. Um fato de evolução é sempre precedido de um fato, ou melhor, de uma multidão de fatos similares na esfera da fala (...), pois na história de toda inovação encontram-se sempre dois momentos distintos: 1º aquele em que ela surge entre os indivíduos; 2º aquele em que se tornou um fato de língua, exteriormente idêntico, mas adotado pela coletividade".

<sup>9</sup> Nesse sentido, os períodos de instabilidade e de enfraquecimento das instituições reguladoras do comportamento e das relações sociais tendem a favorecer a ocorrência de um número maior de mudanças lingüísticas.

limitadas, se comparadas ao que acontece no contato abrupto e radical entre línguas que constitui a gênese do processo de transmissão lingüística irregular. A erosão da estrutura gramatical que costuma acontecer nesses casos produz – se a situação de contato se estabiliza, determinando o desenvolvimento das relações sociais – uma enorme pressão estrutural, que abrirá caminho para uma legião de processos de gramaticalização. Esse conjunto de mudanças é de tal monta que, nos casos mais extremos, determinará, no curto período de uma ou duas gerações, uma reestruturação original da gramática tão ampla e profunda que terá por conseqüência o surgimento de uma nova língua histórica.

Esse aspecto é crucial para que se possa entender o caráter e a natureza das línguas crioulas frente as chamadas línguas naturais. Assim, não se pode falar em propriedades e estruturas exclusivas das línguas crioulas; de modo que o caráter crioulo ou crioulizante de uma determinada variedade lingüística não se define por suas propriedades estruturais imanentes, mas pelo processo histórico de contato lingüístico que levou a sua formação *vis-à-vis* o desenvolvimento histórico interno da língua que forneceu a sua base lexical. Portanto, podemos afirmar, com Roberts (1997: 11), que “não há nada de especial nos crioulos, além da sua história”.

## Conclusão

Ao longo dessa exposição, buscamos demonstrar como a análise dos processos de mudanças induzidos pelo contato entre línguas pode contribuir para o avanço de uma teoria geral da mudança lingüística e do conhecimento sobre como certos processos históricos, tais como o contato entre línguas, afetam a estrutura lingüística de uma língua particular. Através do conceito de *transmissão lingüística irregular*, definimos os três níveis em que o contato lingüístico afeta a estrutura gramatical das línguas: a redução da morfologia flexional, a alteração nos valores de certos parâmetros sintáticos e gramaticalização de certos itens lexicais para desempenhar funções dentro da estrutura abstrata da gramática da língua.

Pudemos ver que o nível de alterações produzidas nesses três níveis pode variar em função da intensidade de cada situação particular de contato entre línguas; intensidade essa, que, por sua vez, é definida por uma série de parâmetros sócio-históricos envolvidos na formação da nova comunidade lingüística, tais como: proporção entre o número falantes nativos da língua que serve de base para a formação da nova entidade lingüística e o número de falantes das outras línguas; a maior ou menor heterogeneidade lingüística entre esses falantes das outras línguas, a taxa de natalidade nessa nova comunidade que se forma na situação de contato; a proporção de entrada de novos indivíduos falantes de outras línguas, etc. Desse modo, pode-se estabelecer uma escala desde processos transmissão lingüística irregular de tipo mais leve, em que a entidade lingüística que se forma na situação de contato não passa de uma variedade da língua alvo, mais ou menos alterada conforme cada caso particular, até os processos mais radicais de transmissão lingüística irregular que dão ensejo a uma entidade lingüística inteiramente nova e qualitativamente distinta de todas as línguas envolvidas na sua formação.

Essa diferença estaria refletida no grau das alterações que são produzidas nos três níveis afetados pelo processo de transmissão lingüística irregular. Enquanto nos casos mais radicais tende a ocorrer uma eliminação total da morfologia flexional da língua alvo, nos casos mais leves a tendência predominante é se desenvolver uma situação de variação no uso dos morfemas flexionais. A primeira situação tende a desencadear mudanças nos valores de certos parâmetros sintáticos e gramaticalização de itens lexicais para preencher as lacunas na estrutura gramatical da entidade lingüística emergente. Essas mudanças sintáticas e sobretudo a intensidade dos processos de gramaticalização determinam a diferença entre as situações típicas de crioulização e os processos mais leves de transmissão lingüística irregular.

Portanto, os processos de gramaticalização podem ser situados no cerne dos processos mais radicais de contato entre línguas. Porém, não obstante a sua importância para a crioulização, os processos de gramaticalização não são exclusivos das línguas crioulas, estando presentes na história de todas as línguas humanas. A diferença entre as línguas crioulas e as demais línguas naturais estaria na intensidade e na velocidade desses processos durante a crioulização, desencadeando mudanças que se completam no espaço de umas poucas gerações, e que levariam séculos, ou talvez milênios, para se completar no desenvolvimento histórico regular de uma língua natural. Tal intensidade e velocidade dos processos de crioulização confere uma excepcional transparência aos seus processos de mudança, sendo altamente reveladoras do modo de operar da estruturação gramatical das línguas humanas. Isso torna cada processo de crioulização um laboratório extraordinário, do qual a ciência da linguagem se pode aproveitar com inestimável proveito para o seu desenvolvimento teórico.

### Referências Bibliográficas

- BAXTER, Alan & Dante LUCCHESI (1997) A relevância dos processos de pidginização e crioulização na formação da língua portuguesa no Brasil. *Estudos Lingüísticos e Literários* 19, pp. 65-84.
- BICKERTON, Derek (1981) *Roots of Language*. Ann Arbor: Karoma.
- BICKERTON, Derek (1984) "The Language Bioprogram Hypothesis". *Behavioural and Brain Sciences* 7, pp. 173-203.
- BICKERTON, Derek (1988) Creole Languages and the Bioprogram. In Frederick Newmeyer (org.) *Linguistics: The Cambridge survey*. Vol 2. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 268-284.
- BICKERTON, Derek (1999) How to Acquire Language without Positive Evidence: What Acquisitionists Can learn from Creoles? Michel Degraff (org.) *Language Creation and Language Change – Creolization, Diachrony, and Development*. Cambridge: The MIT Press, pp. 49-74.
- BORER, H. (1983) *Parametric Syntax*. Dordrecht: Foris.

- CASTILHO, Ataliba (1997) A Gramaticalização. *Estudos Lingüísticos e Literários* 19, pp. 25-64.
- DUARTE, Maria Eugênia L. (1993) Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In Ian Roberts & Mary Kato (orgs.) *Português Brasileiro – uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, pp. 107-128.
- DUARTE, Eugênia (1995) *A perda do princípio "evite pronome" no português brasileiro*. Tese de Doutorado, Universidade de Campinas.
- HOLM, John (1988) *Pidgins and Creoles*. Cambridge: Cambridge University Press.
- KOEFOED, G. (1979) Some remarks on the baby talk theory and relexification. in I. Hancock (ed.) *Readings in Creole Studies*. Ghent: E. Story-Scientia, pp. 37-54.
- LUCCHESI, Dante (1993) The article systems of Cape Verde and São Tomé Creole Portuguese: general principles and specific factors. *Journal of Pidgin and Creole Language* 8 (1), pp. 81-108.
- LUCCHESI, Dante (1998) A constituição histórica do português brasileiro como um processo bipolarizado: tendências atuais de mudança nas normas culta e popular. In Sybille Große & Klaus Zimmermann (eds.) *"Substandard" e mudança no português do Brasil*. Frankfurt am main: TFM, pp. 73-100.
- LUCCHESI, Dante (2003) O conceito de transmissão lingüística irregular e o processo de formação do português do Brasil. In Cláudia Roncarati e Jussara Abraçado (orgs.) *Português Brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, pp. 272-284.
- LI, C. (1975) Synchrony vs. diachrony in language structure. *Language*, 51 (4), pp. 873-86.
- MATTOSE, Katia (2004) *Da Revolução dos Alfaiates à Riqueza dos Baianos no Século XIX*. Salvador: Corrupio.
- MUFWENE, Salikoko (1993) *Africanisms in Afro-American language varieties*. Athens: University of Georgia Press.
- MUYSKEN, Pieter & SMITH, Norval (1994) The study of pidgin and creole languages. In Jacques Arends, Pieter Muysken & Norval Smith (eds.) *Pidgins and Creoles: an introduction*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 3-14.
- RICKFORD, John (1987) *Dimensions of a creole continuum*. Standford: Standford University Press.
- ROBERTS, Ian (1993) *Verb and Diachronic Syntax*. Dordrecht: Foris.
- ROBERTS, Ian (1997) Creoles, markedness and the Language Bioprogram Hypothesis. *Estudos Lingüísticos e Literários* 19, pp. 11-24.
- ROMAINE, Susane (1988) *Pidgin & Creole Languages*. Londres/Nova York: Longman.
- SAUSSURE, Ferdinand de (1973) *Curso de Lingüística Geral*. 5 ed. São Paulo: Cultrix. [(1955) *Cours de Linguistique Générale*. 5 ed: Paris: Payot.]
- SMITH, I. R. (1977) Siri Lanka Creole Portuguese Phonology. *International Journal of Davidian Linguistics* 7, pp. 247-406.
- SMITH, I. R. (1978) Realignment and other convergence phenomena. *University of Melbourne Working Papers in Linguistics* 4, pp. 67-76.